

COLEÇÃO FILOSOFIA E TRADIÇÃO

ESTUDOS CLÁSSICOS

IV

PERCURSOS

GABRIELE CORNELLI
LUCIANO COUTINHO

Capítulo 24

O gladiador e o *Mixed Martial Arts* (MMA): um estudo de caso sobre os usos do passado romano na mídia contemporânea³⁶⁴

The gladiator and the *Mixed Martial Arts* (MMA): a case study on the uses of roman past in contemporary media

Sérgio Stefani Aires e Silva³⁶⁵

Renata Senna Garraffoni³⁶⁶

Resumo: O presente trabalho pretende analisar o *Mixed Martial Arts* – MMA – a partir de um recorte específico: a relevância das lutas de gladiadores na constituição da cultura desse esporte recentemente criado. A partir da perspectiva dos usos do passado, focamos na reinserção no século XXI de aspectos das lutas de gladiadores constituindo uma intrincada rede simbólica de significados entre passado e presente. Para refletir sobre a constituição dessa rede, procuramos analisar as projeções midiáticas estabelecendo algumas reflexões acerca do imaginário e representação, memória e história, passado antigo e presente.

Palavras-chave: Usos do passado; Gladiador; *Mixed martial arts*.

Abstract : The aim of this paper is an analysis of the *Mixed Martil Arts* – MMA – from a specific perspective: the relevance of the gladiator fights in framing a sport recently created. We shall focus on the perspective of uses of the past and explore how the media reintroduces in the twenty-first century aspects of gladiatorial fights, constituting an intricate relationship between past and present. The main idea is to focus on the mass media and discuss the construction of imaginary, representation, memory links between ancient past and present in recent History.

Keywords: Uses of past; Gladiator; *Mixed Martil Arts*.

Introdução

364 Os autores agradecem a Luciano Coutinho, Gabriele Cornelli, Lourdes Conde Feitosa, Pedro Paulo Abreu Funari e Richard Hingley pela troca de ideias em diferentes momentos. A responsabilidade dos argumentos recai apenas sobre os autores.

365 Graduado em História pelo UNICEUB, com especializações em História Cultural (Identidades, Imaginários e Narrativas) pela Universidade Federal do Goiás – UFG e Especialista em Estudos Clássicos pela Universidade de Brasília – UNB.

366 Professora no Departamento de História na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Tutora do PET-História da mesma instituição e vice-líder do grupo Antiguidade e Modernidade: Usos do passado.

A presente reflexão é resultado de nosso diálogo de cerca de dois anos, propiciado pelo curso de Especialização em Estudos Clássicos da UNB. Na ocasião, quando um dos autores, Sérgio Stefani Aires e Silva, propôs a temática de pesquisa, propôs também um desafio, já que poucas pessoas enveredaram por esses caminhos. Tínhamos, na ocasião, a constatação de que o *Mixed Martial Arts*, doravante MMA, fazia uso das imagens dos antigos gladiadores romanos na sua publicidade, mas poderia isso se tornar objeto de estudo de um classicista? Como relacionar um esporte contemporâneo, que surgiu baixo os holofotes da mídia internacional, com as antigas arenas romanas? Como transformar isso em uma reflexão que pudesse nos levar a pensar sobre as relações entre presente e passado e o lugar dos antigos na modernidade?

É bem verdade a outra autora, Renata Senna Garraffoni, já tinha observado, *en passant*, a relação entre as lutas de gladiadores romanos e os esportes atuais e, em outra ocasião, argumentou que alguns eventos esportivos costumavam evocar imagens de guerreiros míticos e gladiadores em sua publicidade ou nos noticiários esportivos (Garraffoni, 2005a, p. 2). Como exemplo, citou a Copa do Mundo de 2002 e as comparações feitas pela mídia especializada entre Kahn, o goleiro da então seleção alemã, com um gladiador ou mesmo o surf, já que não fazia muito tempo que havia sido publicada uma reportagem sobre o surfista brasileiro Neco Padaratz, chamado de gladiador (Sarli, 2004).

O que havia de diferente entre essas duas experiências é o fato que no trabalho mencionado (Garraffoni, 2005a) as comparações eram entre um esportista famoso, forte e guerreiro - no caso específico de Padaratz que se recuperava de um acidente que quase o levou à morte - com os gladiadores, figura que todos entendem e reconhecem, via senso comum, como símbolo de masculinidade romana. No caso do MMA, a situação era distinta, pois não era apenas um atleta que

se destacava com essa comparação, mas todo um tipo de luta que se construía e vendia imagens como uma nova arena na modernidade – sem a morte, é verdade; mas com muita violência e força. Foi da constatação dessa diferença que percebemos um viés que poderíamos explorar mais a fundo: a complexa relação entre mídia, publicidade, passado e presente para justificar a gênese de um tipo de luta pouco convencional, mas muito lucrativo no mercado.

Tendo encontrado a perspectiva da abordagem, faltava, então, uma base teórica para a reflexão e essa surgiu das considerações de Richard Hingley, estudioso britânico das apropriações das imagens romanas ao longo dos séculos. Em um artigo intitulado “Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa”, Hingley ressalta o fato que a Roma antiga desempenhou um lugar importante na definição do pensamento europeu e ocidental (Hingley, 2002, pp. 28-29). Para o estudioso, a Roma antiga tem uma capacidade quase que ilimitada de promover imagens e dar sentido à História, à política, à identidade, à memória e ao desejo (Hingley, 2002, p. 29).

Mesmo que suas reflexões, nesse trabalho, sejam sobre as maneiras como as imagens dos romanos foram utilizadas na concepção da identidade inglesa no final do século XIX e início do XX, Hingley chama a atenção para a riqueza das representações desta sociedade no imaginário dos modernos. Roma teria sido reconstruída de diferentes maneiras, em diversos períodos, poderia representar governos republicanos, o poder imperial e seu declínio, sucesso militar, proezas administrativas graças à vastidão do império ou a Igreja Católica, além de servir de base para a definição da identidade e alteridade das nações modernas que surgiam (Hingley, 2002, p. 29).

Se ao longo do século XIX muitas das imagens versam sobre as questões políticas e de identidade, no início do XXI, com a mídia e o desenvolvimento da sociedade de consumo, os romanos ocupam um

novo espaço, ajudando a moldar marcas, a legitimar e popularizar esportes. Diferentemente do XIX, no qual os modelos das elites foram cultuados, no século XXI são os gladiadores o foco da mídia popularizados pelos grandes eventos de lucros sem precedentes. Mais do que evocar a força política ou determinado *ethos*, o que está em jogo nessa nova arena são a construção de um tipo específico de masculinidade, dinheiro e fama.

Para discutir todos esses temas intrincados e instigantes optamos por iniciar a reflexão com um breve histórico do MMA, para, em seguida aprofundar nossa perspectiva teórica e, por fim, propor uma análise sobre a relação entre a mídia atual e as arenas antigas. Mesmo que seja uma abordagem mais inicial do tema, esperamos com isso instigar os leitores a pensar sobre as complexas relações entre passado e presente, antigos e modernos.

1. *Mixed Martial Arts* (MMA): breve histórico

O MMA é um esporte de contato extremo, seus praticantes procuram agregar várias técnicas de combate e se propõem a testá-las em um ringue chamado octógono. O esporte possui regras definidas, categorias e exige profissionalismo e responsabilidade de seus praticantes.

A origem do esporte está intimamente ligada ao *jiu-jítsu*, técnica de combate originária da Índia e difundida pelo planeta, uma ideia coerente quando imaginamos as diversas divindades indianas e as exóticas armas de combate que carregam. Segundo Gracie (2010, p. 4):

Dizem que o *jiu-jítsu* se originou nas montanhas da Índia há 2500 anos. Supostamente se difundiu pela China e, por volta de 400 anos atrás, estabeleceu-se no Japão, onde encontrou as condições apropriadas para se fortalecer.

Essa técnica foi apresentada ao clã dos Gracie no Brasil no início do século XX, por um imigrante japonês conhecido como Mistuyo

Maeda, professor de *jiu-jítsu* que veio tentar a sorte, provavelmente, em uma das inúmeras colônias no Brasil. Os ensinamentos desse mestre foram passados aos Gracie que, por sua vez, reformularam a técnica criando o *Gracie jiu-jítsu*. A propagação desses ensinamentos começa no Rio de Janeiro, onde os irmãos fundaram uma academia e ganharam prestígio. O clã era odiado e idolatrado pela população. Segundo Gracie (2010, p. 7):

Seus desempenhos extraordinários, em façanhas de proporções épicas, associadas à técnica impecável e a um estilo de vida saudável, transformaram-no em um símbolo de esperança para toda nação. Certa vez, a primeira dama Darci Vargas, reconhecendo a imagem altamente positiva desse pequeno gigante, convidou-o ao palácio presidencial e pediu: Helio, salve a juventude brasileira.

A projeção para o mundo ocorre com a mudança de Rorion Gracie para os Estados Unidos. Nesse país, o professor participou de pontas em produções da sétima arte e disseminou as técnicas do *Gracie jiu-jítsu* entre os norte-americanos. Assim como seu pai, tinha ilustres alunos, como o ator Mel Gibson. Rorion Gracie atuou junto do diretor de cinema Jonh Milius e criou o *The Ultimate Fighting Championship (UFC)* para colocar à prova a superioridade do *jiu-jítsu* diante das outras técnicas de combate, nascia assim o *Vale Tudo*. Anos depois os direitos sobre o evento foram vendidos aos irmãos Frank Fertitta e Lorenzo Fertitta, donos de cassinos e da marca *Zuffa*, lucrativa empresa de esportes nos EUA.

Assim sendo, para que os eventos fossem lucrativos, foi necessário encontrar o interstício entre o tolerável e o repulsivo no público. Daí a necessidade de regras, de organização, de um novo nome, de uma nova identidade que elevasse o evento ao nível de esporte. Uma das representações simbólicas utilizadas com maior ênfase na construção dessa nova identidade no imaginário coletivo foi a do gladiador. É exatamente esse ponto de ruptura que nos chamou tanto a atenção:

um esporte com proximidade às lutas marciais, quando entra em um mercado lucrativo norte-americano se torna próximo aos antigos romanos, que mais tarde é deixado de lado. Para refletir sobre esse fenômeno, optamos por trabalhar pela perspectiva dos usos do passado romano no imaginário do presente, pois acreditamos que ela ajuda a pensar sobre a presença romana na construção do imaginário ocidental, suas tensões e limites.

2. Convergindo memória e história, passado e presente

A partir do breve histórico apontado anteriormente, o que chama a atenção no MMA é a sinergia constituída pelas mais diferentes modalidades de artes marciais e suas respectivas filosofias milenares. Ou seja, desde seu início, nas diferentes narrativas adotadas pelos seus criadores, fica claro que a compreensão desse esporte passa pela construção de ações simbólicas e seus resultados e significados já são socialmente reconhecidos. Por outro lado, em seu processo de divulgação mundial, via EUA, agrega-se a figura do gladiador, forjando uma relação com as antigas lutas nas arenas, aspecto bastante difundido entre os telespectadores, em especial graças aos sucessos das últimas décadas do filme *Gladiator* (2000) de Ridley Scott e da série *Spartacus* da Fox que estreou em 2010.

Considerando essa mescla de discursos, argumentamos que o MMA pode ser pensado como um lugar de cultura, se partirmos do pressuposto no qual cultura se configura como tudo aquilo que resulta do trabalho e da elaboração humanos, que representa um sistema de meios e mecanismos elaborados extrabiologicamente, graças aos quais se motiva, orienta, coordena, realiza e garante a atividade do homem (Funari, 2003, p. 21). Neste caso específico, o que nos interessa é o estabelecimento dessa intrincada rede de significações que sai do universo das artes marciais e seu encontro com o mundo romano

e a modernidade e como as pessoas envolvidas se posicionam diante desse fato, desenvolvendo todo um universo simbólico que garante e legitima o esporte na mídia e sociedade.

Dentre tantas abordagens que poderíamos recorrer, optamos por retomar argumentos de Lowenthal (1980), pois este estudioso nos ajuda a pensar sobre como nos relacionamos com o passado e por que este nos importa tanto na modernidade. Lowenthal em *The past is a foreign country* (1980) apresenta uma reflexão que pode ser considerada clássica sobre como percebemos o passado e presente, a memória e a história. A base de sua argumentação se pauta na noção na qual a percepção do passado na modernidade é um fundamento importante na construção de nosso lugar no presente. De certa forma, cada indivíduo tem liberdade para sentir o passado a sua maneira. Lowenthal (1999, p. 66) afirma que alguns ficam tão estimulados (ou oprimidos) por passados imaginados ou recordados que toda experiência presente é influenciada por suas lembranças; para outros o passado tem pouco a dizer. É por essa razão que defende a perspectiva na qual o passado não existe para uma verificação verdadeira e fiel, não aceitando, portanto, uma verdade absoluta. Essa postura é fundamental para evitarmos comparações entre passado e presente, mas perceber como eles se fundem com a liberdade de pensamento e criação nas apropriações do passado romano que estudamos.

A necessidade de utilizar e reutilizar o conhecimento do passado, de esquecer assim como recordar, força-nos a selecionar, destilar, distorcer e transformar o passado, acomodando as lembranças às necessidades do presente (Lowenthal, 1998, p. 77). Nesse contexto viver significa usar a memória ou o passado, já que ela está presente em todos os nossos atos e pensamentos.

Dessa forma, Lowenthal nos permite perceber como as relações passado/presente não são únicas e nem sempre racionais, como as

lembranças na memória sofrem mudanças constantes, as narrativas sobre o passado se condicionam e realocam em nossa mente, assim como não constituem reflexões prontas, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados. Ou seja, o passado pode ser delimitado, simbolizado e classificado, marcando lugares no mundo à nossa volta (Lowenthal, 1998, p. 103).

Na construção dos vários níveis de passado ou memória coletiva temos como resultado o conhecimento múltiplo, que é nosso em uma perspectiva micro, mas, se pensarmos em uma perspectiva macro, perceberemos na sociedade/grupo um conhecimento plural que nos possibilita entrar em contato com memórias anteriores às nossas experiências individuais.

Dessa forma, surge a necessidade de um olhar acurado sobre os rastros da memória, pois ela, quando deixa o âmbito individual e se torna coletiva, ajuda a recolocar o passado no presente e, conseqüentemente, nos abre as múltiplas perspectivas da História. A partir dessas considerações de Lowenthal fica claro que partimos de pressupostos que se fundamentam na História da Cultural, pois a maneira como essa perspectiva delimita as reflexões sobre o passado é mais fluida e permite pensarmos em conceitos que atendam melhor às particularidades do objeto.

Além disso, a perspectiva da História Cultural permite aos historiadores o uso de mais ferramentas de trabalho, em especial no campo das representações, do imaginário social, do simbólico, aspectos fundamentais para a reflexão proposta. Isso porque esse campo envolve o conhecer e reconhecer, as identidades múltiplas que surgem e os atores sociais investem seus interesses e seu capital cultural procurando aquilo que Pesavento chamou de *presentificação* de um ausente, ou

seja, a construção de sua representação. Segundo Pesavento (2003, p. 39):

As formas integradoras da vida social, construídas pelos homens para manter a coesão do grupo e que propõe como representação do mundo. Expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, tais representações formam como que uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas. As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

Assim sendo, todas as sociedades, ao longo de sua história, produziram suas próprias representações globais: trata-se da elaboração de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva mediante o qual elas se atribuem uma identidade, estabelecem suas divisões, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta de seus membros (Pesavento, 1995, p. 16).

Articulando as ideias propostas (passado e presente, memória e história, representação) torna-se viável a análise de um determinado fragmento do passado, no caso as lutas de gladiadores, que são recolocadas no presente para fomentar uma relação de proximidade e legitimar um tipo de luta que, na origem, não tem relação com o que se passava com os gladiadores da Antiguidade, mas compõe uma intrincada rede simbólica de significados na modernidade. Passamos, então, a analisar tal fenômeno.

3. O gladiador como símbolo em representações do *Mixed Martial Arts* – MMA

Nós estamos atualmente em 500 milhões de casas de 175 países diferentes. Estamos muito grandes, e eu vislumbro algo maior. Estaremos na televisão de um bilhão de casas no mundo todo.

Dana White presidente do UFC

Os eventos relacionados ao MMA aos poucos estão se constituindo como destaques nacionais (atualmente a Rede Globo de Televisão possui os direitos de transmissão do UFC) e, cada vez mais, governos dos Estados brasileiros ou times de futebol passaram a associar seus nomes aos espetáculos. Essa atitude ajuda a rever as formas que a violência está sendo construída nos meios de comunicação e nos esportes. Essa junção, que evidencia os pontos positivos das lutas, em especial o econômico e seu potencial para a exploração do turismo para a cidade que o recebe, são estratégias que percebemos se formando aos poucos. Como exemplo, destacamos uma matéria disponível no site da prefeitura do Rio de Janeiro anunciando o primeiro *Ultimate Fighting Championship* no Estado.

O prefeito Eduardo Paes anunciou nesta quarta-feira, dia 15, a realização do Ultimate Fighting Championship (UFC) pela primeira vez no Rio de Janeiro. O principal campeonato de artes marciais mistas do mundo será disputado na cidade em agosto de 2011, no HSBC Arena, na Barra da Tijuca. O evento terá o apoio da Prefeitura do Rio e trará, pela primeira vez na história, sua marca associada diretamente ao nome da cidade-sede em vez de conter apenas o número da edição. Para a competição carioca foi criada a marca UFC Rio. O campeonato tem atualmente 35 lutadores brasileiros entre os competidores. Ao lado do secretário municipal de Turismo e presidente da Riotur, Antônio Pedro Figueira de Mello; do presidente do UFC, Dana White; do CEO Lorenzo Fertitta; e dos lutadores Anderson Silva, José Aldo, Maurício Shogun, Royce Gracie e Vitor Belfort, o prefeito falou sobre a importância de mais um evento internacional na cidade, além da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas (2016):- O Rio está sendo beneficiado não só no aspecto esportivo, mas também, no aspecto econômico. O Rio tem trabalhado muito os eventos como importante elemento de estímulo à economia carioca. E certamente teremos imagens da nossa cidade divulgadas lá

fora e o aumento do número de turistas aqui. Vamos transformar o UFC em mais um evento para o calendário de nossa cidade, que está de portas abertas para ajudar e colaborar no que for preciso - afirmou o prefeito, sugerindo que alguma etapa da competição seja realizada na Praia de Copacabana, com a montagem de uma pequena arena para demonstração para o grande público. - Quando fui procurado pela organização do UFC, não tinha ideia da dimensão dessa competição e do impacto para a cidade. Mas é uma super honra receber esse evento aqui. Isso não tem nada de vale-tudo. É um esporte com regra, com clareza e muito profissionalismo e como o Rio é a cidade de origem das artes marciais, graças à família Gracie, nenhum lugar é melhor do que o Rio para a volta do UFC ao Brasil- acrescentou Paes, que recebeu das mãos de Dana White uma réplica do cinturão de campeão. Para o presidente do UFC, o Brasil sempre foi uma das prioridades para sediar os eventos internacionais, por isso decidimos fazer do Rio a capital do UFC. Nossos eventos são capazes de girar capital entre US\$ 15 e 50 milhões. A ideia é levar esse campeonato para todos os lugares do mundo, mas achamos que aqui no Rio esse seria o “time” perfeito. Queremos que esse esporte sirva de exemplo para outras cidades e que passe uma imagem positiva para toda a população- disse, acrescentando que atualmente crianças e mulheres já praticam o esporte³⁶⁷.

A reportagem destaca empresários do esporte, políticos e os principais atletas conhecidos, associando essas pessoas à ideia de time vencedor, além disso, o fato de adicionar que mulheres e crianças já praticam o MMA ajuda a minimizar os aspectos violentos implícitos e reforça a aceitação do esporte na sociedade brasileira, formando um poderoso sistema de legitimação construído a partir da parceria Estado/mídia. A modalidade procura se afastar da concepção de Vale Tudo e da Luta Livre Esportiva, dessa forma constrói sua identidade como esporte entre os povos, com um caráter mais globalizado.

Se por um lado esse tipo de reportagem inibe o papel da violência nesse esporte, por outro o recorte que fizemos, analisando a relação entre os meios de comunicação e as lutas de gladiadores, mostrou-se rico para perceber como as construções da imagem do MMA se modifica de acordo com campos de interesse específicos e o mo-

367 Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=1390510>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

mento histórico. Quando buscamos as impressões das representações dos gladiadores no discurso dos lutadores, nas mídias digitais, nas publicações sobre o tema, produções da sétima arte nacionais e internacionais, notamos que elas surgem em seu princípio, mas depois gradativamente vão sendo substituída pelo discurso mais parcimonioso que mencionamos anteriormente. Mesmo no seu processo de construção, as falas dos envolvidos não foram uniformes, mas a marca da violência é base de conexão entre o esporte atual e as antigas lutas de gladiadores.

Para analisar esse processo intrincado de simbologias, podemos levar em consideração duas ideias importantes. Primeiro que a dimensão da riqueza cultural estabelecida em qualquer luta de gladiador do passado tem algum paralelo com as lutas do MMA, pois essas últimas, assim como as antigas lutas, introduzem uma nova estrutura física para a realização dos espetáculos, modificando em parte a rotina das cidades, dos indivíduos do presente³⁶⁸.

A segunda perspectiva, que é a que a seguir exploraremos em detalhes, - forma-se a partir do que comentamos sobre os estudos de Hingley e o potencial de Roma em ser retratada pelos ocidentais em diferentes contextos, ou seja, discutir as ideias de representação do passado romano no imaginário atual. Procuramos fazer com que essas mesmas representações passado-presente (*munera-MMA*) dialoguem nesse mosaico de construções que permitem a formação de novas identidades, de novos meios de se relacionar com o esporte e, por que não-, de novos meios de consumo em torno dos produtos que inserem no mercado.

Iniciaremos o recorte dessas impressões observando as projeções da televisão e da sétima arte, nesse contexto entendemos que

368 Para pensar sobre as transformações das cidades no passado romano, cf. Garraffoni (2005b, p. 112).

esse veículo apresenta maior capacidade de construção das novas representações. A televisão seria a referência midiática mais expressiva nesse meio. A adaptação da história à televisão exacerba tendências para acomodar as versões do passado como verdades absolutas, propiciando, no senso comum, uma fusão do passado com o presente, uma vez que essa projeção tem uma ilusória legitimidade em forma de verdade. As imagens tornam-se convincentes e superam os relatos escritos, estabelecendo um jogo de significados que permeiam o senso comum e disseminam valores. Atualmente, um tipo de geografia e descrições, como a da *National Geographic*, servem para dar uma estrutura historicamente autêntica, transformando a ficção do passado em fato presente.

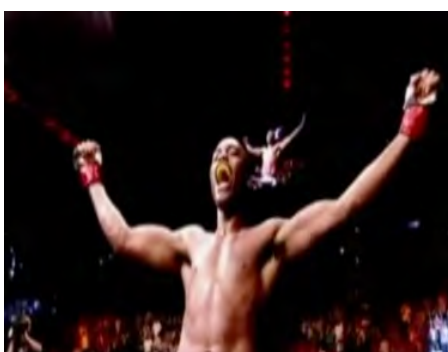
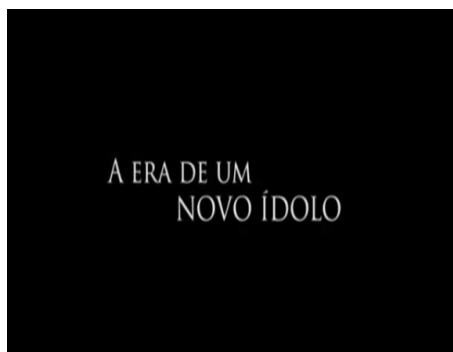
E o cinema? Fenômeno semelhante ocorre com os filmes. Feitosa e Vicente (2012, p. 179) nos ajudam a pensar essa relação do cinema com os filmes épicos a partir do viés da história cultural:

Tanto o cinema como a história, nos seus procedimentos, apresentam uma sequência de fatos que acabam reforçando determinadas cosmovisões, presentes no imaginário social e passíveis de desmistificação por reforçar interpretações nem sempre desejáveis e na maioria das ocasiões distantes de qualquer reconstituição criticado evento abordado. Por outro lado, não se pode negar que o cinema e a história caminham próximos, motivo pelo qual não se pode ignorar seu papel na constituição do conhecimento de uma determinada sociedade.

Como já afirmamos, é importante reconhecer o poder e influência da mídia, ela estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação. Esse mesmo tipo de articulação é bastante útil na publicidade, em especial quando faz uso de um símbolo romano facilmente reconhecido como os gladiadores. Vejamos alguns exemplos de produções que fazem o uso dos gladiadores e como reconfiguram

o imaginário, a memória, construindo metáforas que reintroduzem os romanos no cotidiano moderno.

O documentário *Anderson Silva - A Era de um novo ídolo*, direção Fernando Paes, por exemplo, apresenta uma narrativa que objetiva discutir elementos da área de comunicação, da construção à desconstrução de ídolos na mídia. No caso, o foco é a carreira de Anderson Silva. Logo em sua introdução, são expostas cenas de extrema violência em uma luta de gladiadores retiradas da série *Spartacus* (FOX), alternadas com cenas do lutador Anderson Silva. Vejamos alguns fragmentos da introdução:



Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IA4v9kPNeto>>

As impressões foram captadas em eventos de MMA ocorridos em Goiânia – GO. Os relatos do público de todas as faixas etárias são os mais variados-. Os organizadores e esportistas também expuseram

suas ideias em defesa da legitimidade do MMA, três comentários nos chamaram a atenção:

1. O do radialista Fred Silva repórter do Rádio Jornal 820, que afirma: “O octógono é assim porque o atleta não tem pra onde ir, entra fecha as portas, já era. Como os gladiadores, no tempo do Coliseu, já era assim, voltou tudo novamente” (Entremeado ao comentário, novamente cenas da série *Spartacus* da Fox).
2. O do lutador Relado de Ismael Marmotta – expõe que (*sic*): “Só sei que estamos voltando aos antigos gladiadores, só que antes eles matava, agora não, nós só se bate cabo e tá bão”.
3. Ao final do documentário o lutador Anderson Silva expõe: “Eu procuro fazer mais que simplesmente ir lá e lutar, eu procuro deixar uma mensagem para as pessoas, que a gente é mais que dois caras que sobem lá para ficar se gladiando um com o outro”.

Uma outra imagem instigante para pensarmos o uso do passado romano no MMA foi a partir da revista *Veja*, de grande circulação nacional, que na ocasião destacava o lutador vitorioso Anderson Silva. O título era “O gladiador tranquilo”, em cuja chamada lia-se: “Anderson Silva, brasileiro campeão de artes marciais, é o maior ídolo do esporte que mais cresce no mundo, apesar da violência – ou por causa dela”. Vejamos a capa abaixo:



Fonte: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado.shtml?qu=anderson%20silva>>

A reportagem dos jornalistas Silvio Nascimento e Davi Correia revela curiosidades sobre a cultura e negócios do MMA e, também, apresenta uma entrevista com Anderson Silva. Em diferentes momentos da reportagem os jornalistas utilizam a representação do gladiador para construção da identidade dos integrantes dessa cultura. Vejamos a referência da reportagem sobre Anderson Silva (Revista Veja, 2012, p. 90):

Não é definitivamente, o protótipo de gladiador – talvez não tenha mesmo sido educado para isso. Quando a gente brigava, meu tio punha todo mundo abraçado durante horas até fazermos as pazes. Repeti isso algumas vezes com meus cinco filhos e funciona bem, eles nunca mais brigaram.

O que chama atenção nessas passagens são as contradições: enquanto os jornalistas e os demais entrevistados no documentário ou na revista insistem na comparação com as lutas de gladiadores, Anderson Silva apresenta um contraponto, como se argumentasse que sua prática de luta é muito mais que a violência. Nesse sentido, a comparação aos gladiadores ocorre pelo viés do espetáculo em si, ao ser realizado em um local que lembra as antigas arenas romanas, ou pela violência. As cenas que dão movimento aos documentários ou mesmo as fotos da reportagem nos indicam a tensão entre construir uma imagem de cenas épicas de violência – altamente rentável ao atrair um público específico – com o cotidiano do esportista modelo, no caso Silva. Não é por acaso que a foto de capa da revista nos apresenta o lutador em posição de prece, seguido pela manchete ‘Gladiador tranquilo’. No caso da difusão do esporte no Brasil, essa tensão entre tradição oriental e ocidental (*jiu-jítsu* e romanos) se polariza na medida em que o esporte em si é violento, mas seus praticantes exemplos de pai de família.

Imagem um pouco diferente da que encontramos nos canais virtuais, nos quais a releitura é potencializada pela velocidade e violência.

No site *UFC-TV*, com reportagem intitulada *Broke Lesner – O gladiador moderno* –, Broke faz menção em participar novamente dos combates do UFC, expõe sua vida e seus dilemas diante de uma doença. Afirma estar saudável e capaz de vencer qualquer lutador. Vejamos o que o lutador diz ao final de sua entrevista:

Eu nasci assim, disse Lesnar. Nasci sendo um homem mau e é quem eu sou. Não é um ato, e não é conversa fiada. Não há ninguém lá fora como eu. Eu nasci para fazer isso e vou lutar contra quem colocarem na minha frente. Eu tenho provado a mim mesmo constantemente que este é meu modo de vida. De onde vem? Eu não sei, é apenas quem sou. [...] Eu finalmente sinto que estou em casa. Certas pessoas nascem para fazer certas coisas. Todos os dias há alguém que nasceu para um trabalho específico. Se fosse nos velhos tempos, eu teria sido um gladiador. Eu sou apenas um dos gladiadores modernos.

Quais visões dos gladiadores podemos perceber nas projeções destacadas? No caso do documentário *Anderson Silva – A Era de um novo ídolo*, como notamos, o uso do passado romano se dá na construção da identidade do grupo de pessoas que gostam do esporte e o praticam. No imaginário desse público não especializado, a representação do gladiador está presente e percebemos uma cosmovisão que se apropria do símbolo do gladiador sanguinolento, mas ao mesmo tempo agrega o valor da honra, o que facilita a aceitação do esporte e dos lutadores perante a sociedade. Posição bastante diferente da assumida por Broke, que não vê problemas em ser entendido como gladiador moderno.

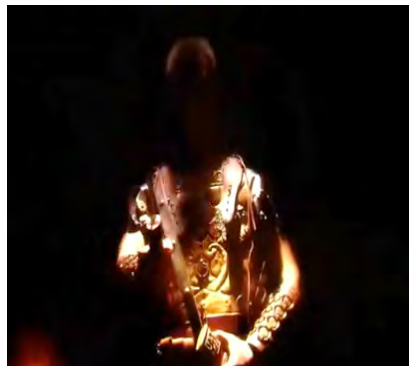
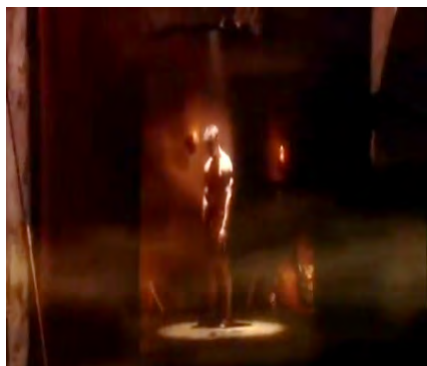
Os espetáculos do *Ultimate Fighting Championship* (UFC), a mais conceituada liga de MMA, utilizaram, por uma década, a representação do gladiador nos anúncios dos eventos esportivos, aberturas dos programas, propagandas de televisão aberta e fechada sem preocupar-se tanto se essa imagem era ou não apropriada. Esse gladiador foi

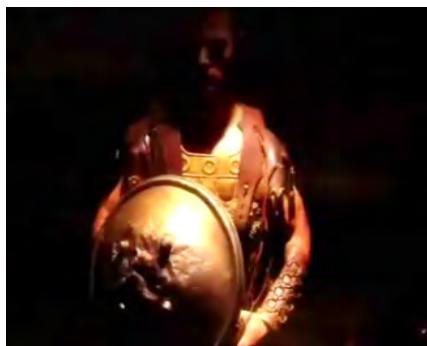
“aposentado” no ano de 2012. Nesse ano, o UFC montou uma nova abertura para seus eventos, nela, finalizações e nocautes de celebres lutas são apresentados, também golpes de diferentes modalidades de combate. Nessa perspectiva, percebemos que os organizadores executam pesquisas e se mantêm sensíveis às mudanças de gostos. Deduzimos assim que a imagem do gladiador nos eventos não foi escolhida aleatoriamente: uma vez criado um grupo de seguidores, com lutadores alcançando a fama e o esporte globalizado, aspectos como honra e estilo de vida tranquilo passaram a ser mais explorados do que a agressividade, ou seja, os lutadores aos poucos se tornam exemplos a serem seguidos por seus filhos.

Perceber essas nuances é interessante, pois o MMA ainda é um esporte de impacto, que choca. A representação tradicional do gladiador sanguinolento causa menos estranheza aos espectadores quando o grupo era mais restrito, potencializando as relações do lucro capitalista com um mercado dedicado a este segmento. Conforme o público se expande e o esporte se globaliza é perceptível a mudança na vinheta de introdução das transmissões. O que essa tensão pode nos fazer pensar sobre as arenas antigas e os limites de representação na modernidade? Acreditamos que a antiga propaganda, ainda enraizada na memória-lembrança de muitos espectadores, baseia-se em uma perspectiva tradicional e muito presente nos livros de história no qual o gladiador é uma figura sanguinária, desprovida de paz em qualquer aspecto. Sua vida se resume à violência. Essa perspectiva desdobrada pelos lutadores de MMA na mídia é mimetizada por muitos de seus seguidores, nesse contexto o uso do passado torna-se engessado, preso, já que não possibilita perceber os gladiadores por outras perspectivas. Portanto, na medida em que o esporte se globaliza e os fãs aumentam, esse gladiador torna-se limitado para as perspectivas do mercado de consumo em larga escala.

Assim, uma representação do gladiador solitário, cuidando dos adereços, preparando as mãos para a batalha, com abertura das portas e uma multidão gritando ansiosa para presenciar o espetáculo, em meio a um fundo musical que mescla um coral e uma trilha sonora de rock agressivo, torna-se visualmente impactante em um primeiro momento de definição do esporte e do público na mídia, mas pouco lucrativa em um segundo momento.

O gladiador está lá, as armas, o “povo”, os gritos, a música, a arena, mas ele não tem rosto. Não há identidade. Quem é ele? Quem são os lutadores de MMA? É um paradoxo na medida em que se usa a representação do gladiador no modelo tradicional, como uma massa sem rosto, atirada -à própria sorte para manter o status do Império (Garraffoni, 2005b, p. 57) e ao mesmo tempo querem humanizar o esporte, demonstrando atitudes do cotidiano dos atletas em *realitys*.





Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1L9g3kleANc>>. Acesso em: 29 mai. 2013

Ou seja, o uso da imagem do gladiador sanguinolento reforçou a alteridade do grupo não especializado da cultura do MMA, mas também trouxe um efeito colateral. O gladiador da propaganda é um componente espacial que se reporta a um significado além da representação explícita. Como muitos associam os lutadores de MMA a essas representações dos gladiadores, também pensam que a cultura do MMA só prioriza o frenesi, a violência, não há humanidade, não há inteligência. Justifica-se assim a mudança na propaganda, e os progressivos *realitys* envolvendo o MMA, humanizando os lutadores fora do ringue. É necessário alterar novamente o imaginário social do grupo para que o esporte seja aceito dentro de um novo contexto midiático e de consumo.

Considerações Finais

Iniciamos essa reflexão a partir das considerações de Hingley e os usos das imagens de Roma na modernidade e propusemos um recorte específico e pouco usual sobre o tema, não abordando questões políticas, mas expandindo para o âmbito cultural e da sociedade de consumo globalizada do início do século XXI. Nossa documentação

básica veio da mídia escrita e visual e não dos textos de elite, como de costume nas abordagens discutidas por Hingley, mas provocamos um deslocamento abordando aspectos do cotidiano romano e da importância das lutas de gladiadores para a construção da identidade de um novo esporte de massa. Esse movimento, experimental, se deu por acreditarmos que as lutas de gladiadores romanos tiveram um papel importante na construção da cultura do *Mixed Martial Arts* e seu imaginário.

O recorte apresentado ajuda a pensar as complexidades dessas apropriações, seus usos, potenciais e limites. Se em um primeiro momento a representação do gladiador sanguinolento tornou-se a ideal para o reforço de alteridade necessário para tornar MMA um esporte lucrativo e aceito, recebendo uma maior ênfase no discurso do público mais restrito, em um segundo momento, quando o esporte se expandiu ela foi minimizada e, inclusive, aos poucos, abandonada.

O uso dessa representação tendo o gladiador como símbolo demonstra o quanto a mídia, especialmente a virtual, tem o domínio da produção e manipulação de imaginários sociais, captando versões aceitas e se afastando delas quando atingem seus limites. Por fim, no caso específico do MMA, a sua aceitação como esporte ocorreu rapidamente e a legitimação recente via Estado, conforme apontamos, demonstra que o mesmo pretende participar desse novo imaginário social, e possivelmente, controlá-lo. Por que o prefeito do Rio de Janeiro fez questão de posar para fotos com o cinturão de campeão de UFC? Uma questão para pensar, mas de todas as formas, como destacou Lowenthal, perceber que passado e presente se mesclam de inúmeras formas é importante para perceber como se constroem formas de identidades no presente e, ousaríamos acrescentar, de mercado de consumo. Afinal, todos os exemplos destacados indicam como os usos dos jogos de gladiadores são rentáveis para o esporte e a mídia e, de

alguma forma, *Mixed Martial Arts* e seus discursos relacionados ao gladiador sanguinário contribuíram para isso.

Referências bibliográficas

FEITOSA, L. C.; VICENTE, M. M. “Masculinidade do soldado romano: uma representação midiática”. In: Carvalho, M. M. et al. (org.). *História Militar do Mundo Antigo*. Annablume, São Paulo, v. 2, p. 177-191, 2012.

FUNARI, P. P. A. *A vida quotidiana na Roma Antiga*. Annablume, São Paulo, 2003.

GARRAFFONI, R. S. “Gladiadores e a Modernidade”. In: *História e-História*, 2005a. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=18>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

GARRAFFONI, R. S. *Gladiadores na Roma Antiga dos combates às paixões cotidianas*. Annablume/Fapesp, São Paulo, 2005b.

GRACIE, H. *Gracie Jiu-Jitsu*. Saraiva, São Paulo, 2010.

HINGLEY, R. “Imagens de Roma: uma perspectiva inglesa”. Trad. Renata Senna Garraffoni e revisão de Pedro Paulo A. Funari. In: Funari, P.P.A. (org.). *Repensando o mundo antigo – Jean-Pierre Vernant e Richard Hingley*, Textos Didáticos n. 47, IFCH/Unicamp, 2002.

LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country*. CUP, Cambridge, 1985.

PESAVENTO, S. J. *História e História Cultural*. Autêntica, Belo Horizonte, 2003.

SARLI, C. “Entrevista – Gladiador”. In: *Revista Gol*, n. 29, pp. 34-40, 2004.

Fontes visuais e escritas:

Anderson Silva A Era da e um novo ídolo (documentário). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IA4v9kPNeto>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

Prefeitura do Rio de Janeiro apoia o UFC. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=1390510>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

Propaganda 1 relacionada ao gladiador do UFC. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1L9g3kleANc>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

Propaganda 2 relacionada ao gladiador do UFC. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9HBadCsz3OQ>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

Broke Lesner – O gladiador Moderno (reportagem). Disponível em: <<http://m.br.ufc.com/news/Brock-Lesnar-Modern-Day-Gladiator>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

“O Gladiador tranquilo” (capa). Revista Veja, n. 45, mar. 2012.